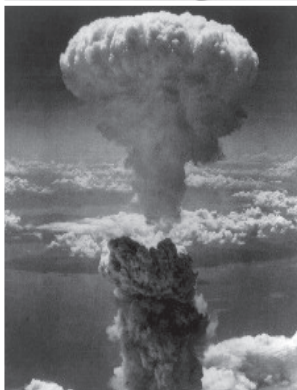


# A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Causas, Estrutura, Consequências





Oswaldo Coggiola

**A SEGUNDA**  
**GUERRA**  
**MUNDIAL**

**Causas, Estrutura, Consequências**



EDITORIAL

Copyright © 2015 Editora Livraria da Física  
1ª Edição

**Direção editorial:** José Roberto Marinho

**Revisão:** Paula Santos

**Capa:** Fabrício Ribeiro

**Projeto gráfico e diagramação:** Fabrício Ribeiro

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Coggiola, Osvaldo

A Segunda Guerra Mundial: causas, estrutura, consequências / Osvaldo Coggiola. – São Paulo:  
Editora Livraria da Física, 2015.

Bibliografia  
ISBN 978-85-7861-317-4

1. Guerra Mundial, 1939-1945 I. Título.

15-02106

CDD-940.53

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Guerra Mundial, 1939-1945: História 940.53

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida  
sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora.

Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107  
da Lei N° 9.610, de 19 de fevereiro de 1998



EDITORIAL

Editora Livraria da Física  
[www.livrariadafisica.com.br](http://www.livrariadafisica.com.br)

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. UM MASSACRE SEM PRECEDENTES .....	11
2. ANTECEDENTES E CAUSAS.....	21
3. HITLER E O NAZISMO.....	49
4. A GUERRA E O STALINISMO.....	77
5. ENTRE EUROPA, ORIENTE E AMÉRICA .....	93
6. A FASE INICIAL DA GUERRA NA EUROPA.....	103
7. CENÁRIO ASIÁTICO E CENÁRIO MUNDIAL.....	117
8. ECONOMIA DE GUERRA .....	127
9. HOLOCAUSTO: PREPARAÇÃO.....	143
10. HOLOCAUSTO: EXECUÇÃO .....	159
11. A URSS EM GUERRA .....	175
12. O COMEÇO DA DERROTA DO EIXO.....	197
13. O FIM DA GUERRA MUNDIAL.....	215
14. REVOLUÇÃO E CONTRARREVOLUÇÃO NA EUROPA.....	235
15. DA ECONOMIA BÉLICA À “NOVA ORDEM ECONÔMICA” .....	263
16. REVOLTA COLONIAL: ORIENTE MÉDIO, SUDESTE ASIÁTICO, AMÉRICA LATINA .....	279
17. REVOLUÇÃO COLONIAL: ÍNDIA E CHINA.....	297
18. A CONTRARREVOLUÇÃO METROPOLITANA.....	315
CRONOLOGIA.....	351
DOCUMENTO 1: A LUTA CONTRA O IMPERIALISMO E CONTRA A GUERRA .....	361
DOCUMENTO 2: A GUERRA IMPERIALISTA E A REVOLUÇÃO PROLETÁRIA MUNDIAL .....	367
BIBLIOGRAFIA .....	413



# INTRODUÇÃO

**N**ão adotamos, no texto que segue, uma sequência cronológica (existem inúmeras obras sobre a Segunda Guerra Mundial que assim o fazem, várias incluídas na bibliografia ao final deste trabalho), mas uma sequência de problemas históricos e historiográficos levantados pelo maior conflito bélico de todos os tempos. Diversos autores postularam a hipótese de que o mundo padeceu, no século XX, de uma “Segunda Guerra dos Trinta Anos”, entre 1914 e 1945: “Foram 31 anos, de agosto de 1914 a agosto de 1945. Ainda lhes chamamos, tradicionalmente, Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e Segunda Guerra Mundial (1939-1945), mas os futuros historiadores irão fundir os dois conflitos num só... A Guerra dos Trinta Anos do século XX, tal como a do século XVII na Alemanha, não desfrutou de grandes intervalos de paz”.<sup>1</sup> Eric J. Hobsbawm chamou de “era da catástrofe”, e de “guerra de 31 anos”, o período histórico compreendido entre 1914 e 1945, cuja nota dominante teria sido a crise da sociedade liberal/imperial precedente.<sup>2</sup>

Nessa interpretação, a Segunda Guerra Mundial teria sido, essencialmente, a continuidade da Primeira, envolvendo principalmente as potências europeias, com motivos e protagonistas basicamente semelhantes (inclusive nas suas alianças internacionais, execução feita da Itália), com uma breve trégua entre ambas, uma espécie de “paz armada” no entreguerras, pontuada pela “grande depressão” econômica da década de 1930. Tratou-se, porém, para além dos elementos de continuidade, de conflitos de caráter diverso, *qualitativamente* diferentes, diferença caracterizada, justamente, pela depressão econômica

---

1 Charles Van Doren. *Uma Breve História do Conhecimento*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2012, p. 331. Henri Michel negou que a Segunda Guerra Mundial fosse a “revanche” (uma espécie de segundo turno) ou a continuidade da Primeira, mas limitou as diferenças entre ambas à “extensão” (geográfica) da guerra, e à “totalidade” dos recursos postos em jogo: os principais países envolvidos dedicaram toda sua capacidade econômica, industrial e científica a serviço dos esforços de guerra, deixando de lado a distinção entre recursos civis e militares (*La Seconda Guerra Mondiale*. Roma, Newton & Compton, 1995).

2 Eric J. Hobsbawm. *Era dos Extremos*. O breve século XX 1914-1991. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

mundial que precedeu a Segunda Guerra Mundial, e pela existência (sobrevivência) da URSS, incluído seu fortalecimento econômico e militar na década de 1930. A Segunda Guerra Mundial não decorreu “naturalmente” da Primeira: foi, ao contrário, perfeitamente evitável. A prática de massacres em massa, elemento mais visível de continuidade entre ambos conflitos, foi, na Segunda Guerra Mundial, dirigida principalmente contra a população civil (o que não foi o caso na Primeira), em especial na Europa.

Segundo Trotsky, em texto de meados de 1940: “A guerra mundial é a continuação da última guerra. Mas continuação não significa repetição. Como regra geral, uma continuação significa um desenvolvimento, um aprofundamento, uma acentuação”. Na *Enciclopedia Storica* de Massimo Salvadori aponta-se o caráter mais “ideológico” (democracia vs. fascismo) da Segunda Guerra Mundial em relação à Primeira. Quanto ao caráter da guerra, afirma-se: “Bombardeios maciços, frequentemente de natureza *terrorista*, foram realizados sobre um grande número de cidades, muitas das quais foram totalmente arrasadas, causando imensos estragos, provocando *sofrimentos desumanos* e destruindo *para sempre grande parte da herança histórica* [da humanidade]” (grifos nossos).<sup>3</sup> Não se poderia descrever melhor, sinteticamente, a barbárie em ação. A Segunda Guerra Mundial foi, antes do mais, um retrocesso histórico da humanidade *em seu conjunto*. Há outra diferença importante entre os dois conflitos mundiais. A Revolução de Outubro de 1917 foi o acontecimento mais importante da Primeira Guerra Mundial, e o principal fator que precipitou seu fim.

No caso da Segunda Guerra Mundial, a revolução social a precedeu, na Espanha e na França, mas ela fracassou: se tivesse sido vitoriosa em um desses países, ou nos dois, todo o panorama político europeu e, até certo ponto, mundial, teria mudado por completo. Tentamos apresentar, nas páginas que seguem, uma visão da guerra, e da crise que a precedeu, incluindo não apenas suas realidades, mas também as virtualidades que aquelas abriram, dentro de um trabalho de síntese-resumo.

---

3 Massimo Salvadori (ed). Seconda Guerra Mondiale. *Enciclopedia Storica*. Bolonha, Zanicheli, 2000, p. 1071.





Países em guerra 1939-1945



## UM MASSACRE SEM PRECEDENTES

**N**a Segunda Guerra Mundial, houve sessenta milhões de homens em armas, entre 45 e 50 milhões de mortes (pela primeira vez num conflito bélico, a maioria delas na população civil) como resultado direto dos combates, ou entre setenta e oitenta milhões de pessoas – só existem estimativas variáveis –, se forem contadas também as vítimas que morreram por fome, epidemias e doenças como resultado indireto da guerra – oito vezes mais vítimas do que na Primeira Guerra Mundial:<sup>4</sup> ao todo, aproximadamente entre 4% e 5% da população mundial da época, e tudo em escassos seis anos. A história não conheceu jamais um morticínio semelhante. As cifras citadas não incluem as baixas nas guerras civis na Coreia e na Grécia, ou nas guerras nacionais nas colônias inglesas ou francesas, que foram decorrência mais ou menos imediata da conflagração mundial.

A Segunda Guerra Mundial foi, em primeiro lugar, o conflito *militar* mais sangrento de todos os tempos. Em 1939, no seu início “formal” (com as declarações mútuas de guerra entre as grandes potências europeias), vários países beligerantes já estavam em guerra, como Etiópia e Itália na segunda guerra ítalo-etíope,<sup>5</sup> e China e Japão na

4 Ernest Mandel. *O Significado da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo, Ática, 1982.

5 A guerra ítalo-etíope foi uma típica guerra colonial, que começou em outubro de 1935 e terminou em maio de 1936. A guerra foi travada entre o Reino da Itália e o Império Etíope (também conhecido como Abissínia). A guerra resultou na ocupação militar da Etiópia e na sua anexação à recém-criada colônia da África Oriental Italiana; além disso, expôs a inadequação da Liga das Nações para a manutenção da paz. A Liga afirmava que trataria todos seus membros como iguais, no entanto, garantiu às grandes potências maioria no seu Conselho. Tanto a Itália quanto a Etiópia eram países membros da organização, mas a Liga nada fez quando a guerra claramente violou o seu décimo artigo, afundando logo depois. Edward H. Carr criticou a suposta “ordem internacional” da Liga (que Lênin chamou simplesmente de “covil de bandidos”, quando da sua criação no primeiro pós-guerra) dizendo que era uma ilusão pensar que nações fracas e desarmadas pudessem deter algum poder na arena mundial. Na Liga, as decisões eram tomadas e o poder era exercido pelas grandes potências, em detrimento da suposta “igualdade jurídica” existente entre as nações. As nações menores seguiam ou sofriam pressão para seguir as maiores. Isso aconteceu quando a Inglaterra (1931) e mais tarde a França (1936) deixaram

segunda guerra sino-japonesa. A guerra civil espanhola (1936-1939), por sua vez, envolveu diretamente Itália e Alemanha no apoio ao golpe militar de Franco contra a República; seu desfecho (vitorioso para o lado apoiado pelas potências nazi-fascistas) foi o prólogo imediato da guerra mundial.<sup>6</sup>

O conflito mundial envolveu as mais longínquas regiões do planeta, nos mares e na terra, na neve e no sol escaldante do deserto. O adiamento da resolução dos conflitos que levaram à Primeira Guerra Mundial, e da revolução socialista que nela se originou, no primeiro pós-guerra, foi pago com um preço inédito em vidas humanas, especialmente forte nos países que estiveram no centro desses problemas: entre vinte e trinta milhões de mortos na União Soviética,<sup>7</sup> treze milhões na Alemanha, entre dez e quinze milhões na China (na guerra sino-japonesa, 1937-1945), sem contar a “qualidade” das mortes, que incluíram cenários de degradação humana nunca vistos na história, nos campos de concentração nazistas, nas câmaras de gás, nas políticas de “extermínio total” de judeus, ciganos, homossexuais, deficientes mentais e outros, nos massacres em massa na Europa oriental, nos bombardeios de muitas cidades europeias, no ataque nuclear contra duas cidades japonesas.

O “projeto geral” (*Generalplan Ost*) do nazismo para Europa oriental e a URSS, formulado várias vezes entre 1940 e 1942 (inclusive durante a vigência do pacto Alemanha-URSS) previa as mortes de dezenas de milhões de membros das “raças inferiores” (eslavos, principalmente; sem falar do total extermínio dos judeus, que eram

---

o padrão ouro, ou quando a Alemanha ultrapassou a França no seu poderio militar: nesse momento, muitos países menores declararam neutralidade ou mesmo passaram para o lado da Alemanha devido a essa situação (*Vinte Anos de Crise 1919-1939*. Brasília, UnB, 2001). Carr era um diplomata liberal inglês que simpatizou com a revolução soviética, transformando-se num de seus principais historiadores.

- 6 Anthony P. Adamthwaite. *The Making of the Second World War*. Nova York, Routledge, 1992.
- 7 As estimativas oscilam entre essas cifras imprecisas. Hoje se calcula que a União Soviética perdeu cerca de 27 milhões de pessoas durante a guerra, incluídas as vítimas de seus “efeitos colaterais”, quase metade das mortes derivadas do confronto bélico no mundo todo. Um em cada quatro cidadãos soviéticos de sexo masculino foi morto ou ferido. Em 1959, na URSS havia ainda só quatro homens para cada sete mulheres (Pierre Broué. *União Soviética. Da revolução ao colapso*. Porto Alegre, UFRGS, 1996).

uma – numerosa – minoria no Leste europeu), pela via da fome, para transformar esses imensos territórios em zonas de colonização pela Alemanha (isto é, pela “raça ariana”): “Os alemães deportariam, matariam, assimilariam ou escravizariam as populações nativas, levando ordem e prosperidade para uma fronteira humilhada. Entre 31 e 45 milhões de pessoas, a maioria eslavas, deveriam desaparecer... entre 80% e 85% dos poloneses, 65% dos ucranianos ocidentais, 75% dos bielorrussos e 50% dos tchecos deveriam ser eliminados”.<sup>8</sup> Esses objetivos seriam realizados, entre outros meios, por um “Plano da Fome” que mataria por inanição 30 milhões de pessoas em apenas alguns meses, isso só para começar. Só foram realizados parcialmente na experiência piloto da zona coberta pelo “Governo Geral” nazista na zona de ocupação. Na Europa oriental, os deslocamentos de pessoas realizados pelos governos de Hitler e Stalin entre 1939 e 1943 afetaram trinta milhões de pessoas, com um elevado percentagem de vítimas mortais.

A execução dos planos de extermínio massivo dos nazistas (que se revelaram impossíveis, inclusive durante a ocupação, devido, em parte, à sua enorme escala, e também à resistência das populações afetadas) teria provocado um morticínio ainda maior do que aquele, enorme, que de fato aconteceu: “Entre 1939 e 1942 dezenas de milhões de homens, mulheres e crianças foram tirados de suas casas; à deportação para o extermínio e para o trabalho deve-se acrescentar a deportação para reassentamento”.<sup>9</sup> Entre dois e três milhões de prisioneiros de guerra soviéticos, cerca de 57%, morreram de fome, maus-tratos ou execuções entre junho de 1941 e maio de 1945, a maioria durante seu primeiro ano de cativeiro. De acordo com outras estimativas, cerca de 2,8 milhões de prisioneiros de guerra soviéticos morreram em oito meses, entre 1941 e 1942, e um total de 3,5 milhões até meados de 1944. O Museu *Yad Vashem* de Israel estima que 3,3 milhões dos 5,7 milhões de prisioneiros de guerra soviéticos morreram sob custódia alemã, em comparação com 8.300 dos 231 mil prisioneiros britânicos e norte-ame-

---

8 Timothy Snyder. *Terras de Sangue*. A Europa entre Hitler e Stalin. Rio de Janeiro, Record, 2012, p. 203.

9 R. A. C. Parker. *Struggle for Survival*. The history of the Second World War. Nova York, Oxford University Press, 1989, p. 295.

ricanos. O racismo e o anticomunismo também deixaram sua marca nas estatísticas da guerra.

As taxas de mortalidade dos prisioneiros russos (eslavos em geral) diminuíram à medida que os prisioneiros dessa origem (ou de outras) foram necessários para trabalhar como escravos no esforço de guerra alemão; em 1943, meio milhão deles foram “exportados” como trabalhadores forçados para a Alemanha. Muitos deles salvaram assim suas vidas, mas foram considerados e julgados como “traidores” na sua volta à URSS, com o fim da guerra. Centenas de milhares de homens e mulheres morreram também nos morticínios em massa nas “limpezas étnicas” promovidas, durante e imediatamente depois da guerra, nos redesenhados países da Europa oriental; esses Estados, pela primeira vez na era moderna, tenderam a se transformar em Estados “etnicamente homogêneos”, inclusive em regiões que haviam sido, até então, verdadeiros *carrefours* étnicos, linguísticos, nacionais e culturais, em especial os países bálticos e partes importantes da Polônia e da Ucrânia. Eis uma estimativa *moderada* e arredondada das mortes nos principais países europeus envolvidos na Segunda Guerra Mundial, uma das primeiras que foram dadas a conhecer.

	Total Deaths	% of Pre-War Population	Military Deaths	Civilian Deaths
France	810,000	1.9%	340,000	470,000
UK	388,000	0.8%	326,000	62,000
Belgium	88,000	1.1%	76,000	12,000
Italy	410,000	0.9%	330,000	80,000
Germany	6,850,000	9.5%	3,250,000	3,600,000
USSR	20,600,000	10.4%	13,600,000	7,000,000
Poland	6,123,000	17.2%	123,000	6,000,000
Yugoslavia	1,706,000	10.9%	N/A	N/A

## Para Europa:

País	Militares	Civis	Total
França	350.000	350.000	700.000
Inglaterra	326.000	62.000	388000
EUA	300.000	350.000	300.000
URSS	6.500.000	10.000.000	16.500.000*
Polônia	-	5.000.000	700.000
Iugoslávia	-	1.000.000	700.000
Alemanha	3.500.000	700.000	4.200.000
Itália	330.000	80.000	410.000

(\*) As baixas totais da URSS apresentam variações entre 20 e 30 milhões; as autoridades soviéticas computaram geralmente apenas as baixas militares, entre 6 e 7 milhões de mortos, e as baixas civis diretamente vinculadas a episódios bélicos.

As novas “fronteiras étnicas” dos Estados Leste -europeus foram traçadas sobre montanhas de cadáveres insepultos e com base em políticas *objetivamente* (quando não *subjetivamente*, como no caso dos judeus) exterminadoras, que conseguiram, em medida enorme, apagar os motivos e mecanismos históricos e políticos dos enfrentamentos prévios entre os países beligerantes, e da própria guerra. A maioria dos cenários, inicialmente só bélicos, da Europa, se transformaram, no decorrer e no desfecho da guerra, em cenários de luta sem limites de qualquer espécie pela simples sobrevivência física de soldados e civis: “Quase tudo que os povos civilizados consideram garantido em tempos de paz foi posto de lado, especialmente a expectativa de receber proteção contra a violência... Na sitiada Leningrado, pessoas famintas comiam umas às outras... A explosão da prostituição foi um trágico fenômeno global, que merece seu próprio livro [até hoje não escrito]... Era fundamental que somente um número ínfimo de líderes e comandantes nacionais soubesse o que se passava além de seu campo de visão (na que) foi *a maior e mais terrível das experiências humanas*”.<sup>10</sup>

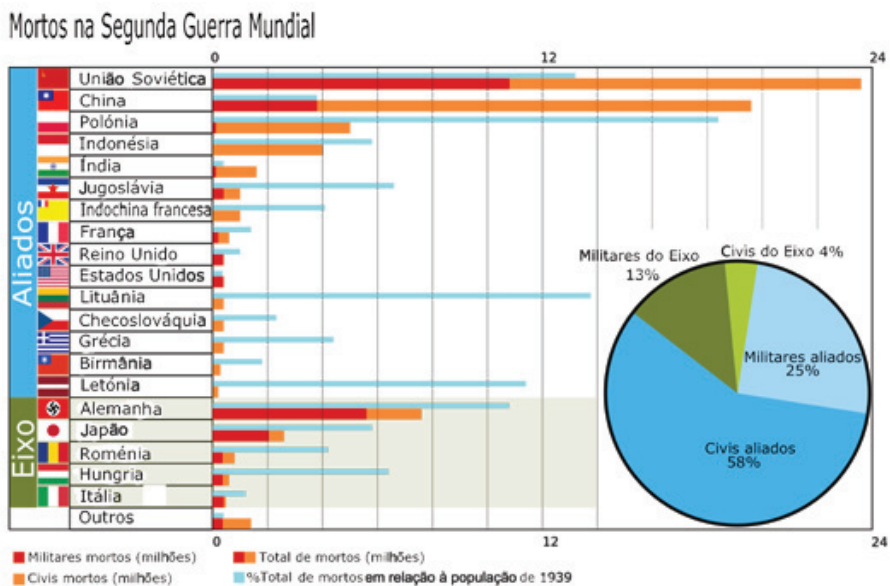
Os grandes massacres, porém, precederam à guerra propriamente dita, em especial na “terra de sangue (que) se estende do centro da Polônia até o Oeste da Rússia, passando pela Ucrânia, Bielorrússia e os Estados bálticos. Durante a consolidação do nacional-socialismo e do stalinismo (1933-1938), a ocupação conjunta da Polônia pelas forças

10 Max Hastings. *Inferno*. O mundo em guerra 1939-1945. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2012.

alemãs e soviéticas (1939-1941) e, em seguida, durante a guerra entre a Alemanha e a União Soviética (1941-1945), a violência em massa de um modo jamais visto na história se abateu sobre essa região. As vítimas foram basicamente judeus, bielorrussos, ucranianos, poloneses, russos e bálticos, os povos nativos dessas terras. Catorze milhões foram mortos em um período de somente doze anos, entre 1933 e 1945, enquanto Hitler e Stalin estavam no poder. Embora suas pátrias tenham sido palco de batalhas durante metade desse período, essas pessoas foram vítimas de uma política assassina, não de contingências de guerra. A Segunda Guerra Mundial foi o conflito mais letal da história, aproximadamente metade dos soldados que morreram em todos os campos de batalha de todo o mundo pereceu nessa região, nessas terras de sangue. Ainda assim, nos catorze milhões de pessoas assassinadas, não havia um soldado sequer na ativa. A maioria era composta de mulheres, crianças e idosos; nenhuma carregava armas; muitas foram despojadas de seus bens, incluindo as roupas”.<sup>11</sup>

Eis uma estimativa mais realista das vítimas totais da guerra:

#### Mortes em decorrência direta da guerra, civis e militares, por país



<sup>11</sup> Timothy Snyder. *Op. Cit.*, p. 10.



Os números das vítimas refletem a dimensão inédita e enorme dos massacres de população civil, inclusive os reconhecidamente desnecessários do ponto de vista militar, levados adiante por todos os protagonistas principais da guerra, inclusive pelos aliados, como o bombardeio e destruição da cidade alemã de Dresden (quando a derrota da Alemanha era praticamente coisa certa),<sup>12</sup> ou as bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, com suas centenas de milhares de mortos civis e seus efeitos prolongados ainda décadas depois. No dia em que o mundo conheceu o cogumelo atômico, “quem transitava por Hiroshima se sentia no próprio inferno. Toda a cidade tinha se transformado numa imensa fogueira. E a chuva negra batia forte no chão, trazendo com ela material fortemente radiativo... O delta do rio Ota estava coalhado de corpos, muitos deles de suicidas que fugiram dos sofrimentos insuportáveis. Quando a noite caiu, a situação agravou-se. A cidade estava completamente às escuras. Todo o sistema elétrico fora destruído... Os depoimentos dos sobreviventes revelam um quadro de horrores impensável aos mais notáveis poetas e escritores do gênero. Dante se sentiria diminuído na sua imaginação se testemunhasse Hiroshima a 6 de agosto de 1945”.<sup>13</sup>

12 Frederick Taylor. *Dresden*. Terça-feira, 13 de fevereiro de 1945. Rio de Janeiro, Record, 2011. Embora Dresden fosse a única conexão ferroviária Norte-Sul de um Reich já muito encolhido, foi reduzida a pó-de-traque pelo ar pois, segundo um comandante militar inglês, ela “não valia os ossos de um único soldado britânico”. A 8 de maio de 1945, depois de destruída, ela foi pacificamente ocupada pelo Exército Vermelho: “Durante os 45 anos entre o fim da guerra e a queda do Muro de Berlim, Dresden ficou isolada. Já terrivelmente traumatizada pelos acontecimentos de fevereiro de 1945, a população da cidade mergulhou na construção de moradias para substituir as dezenas de milhares perdidas e na criação de alguma aparência de cultura reavivada. Mas, sob a superfície da feliz e reluzente nova cidade socialista, supurava uma dor velada; boatos e fantasias se reproduziam na escuridão apertada da memória coletiva de Dresden” (p. 458). Kurt Vonnegut, romancista e ex soldado norte-americano de origem alemã, capturado pelas tropas do Reich, deixou um testemunho literário da espantosa destruição dessa cidade, na qual se encontrava como prisioneiro (*Matadouro 5*. Porto Alegre, L&PM, 2005). A obra conta a tentativa de um ex-soldado americano que assistiu ao bombardeio de Dresden de escrever sobre a experiência da guerra. O personagem, Billy Pilgrim, é um americano bem de vida e interiorano que viaja no tempo para outros planetas, e revisita diversos momentos da sua própria vida – sendo o ponto crucial o episódio em que foi feito prisioneiro durante a Segunda Guerra, quando viveu o bombardeio da cidade alemã em que morreram 135 mil pessoas em um só dia, mais mortes do que as causadas pelas bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, em separado.

13 Heitor B. Caulliraux. *Hiroshima 45*. O grande golpe. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005, p. 511.



Dresden, 13 de fevereiro de 1945

Segundo Winston Churchill, “seria um erro supor que o destino do Japão foi decidido pela bomba atômica. A derrota do Celeste Império já estava assegurada antes de ser lançada a primeira bomba”:<sup>14</sup> “Se a primeira bomba, pelo seu efeito de terror, podia ter o objetivo de desalentar os japoneses e evitar aos Estados Unidos a lenta reconquista e o meio milhão de homens que talvez teria custado, a segunda teve um caráter de experimento científico às custas de cem mil vidas. Não acredito que a bomba atômica tenha justificativas (...) a eleição do Japão para o lançamento da bomba me parece racista: em circunstâncias semelhantes às existentes no Japão, os norte-americanos não teriam ousado lançá-la sobre uma cidade alemã”.<sup>15</sup>

O racismo não foi patrimônio exclusivo dos nazistas, assim como não o foram as experiências “científicas” do Dr. Mengele em Auschwitz (ou de seu equivalente japonês, a Unidade 731 do Norte da China). Os Estados Unidos reconheceram ter submetido a provas nucleares mais de 600 pessoas no seu próprio território durante a Segunda Guerra, incluindo 18 norte-americanos que morreram depois de ter recebido injeções de plutônio. O racismo e a barbárie foram multidirecionais. O

14 *Apud* Guilherme Olympio. *União Soviética & USA*. Rio de Janeiro, Prado, 1955, p. 107.

15 Jean Lacouture (entrevista). In: José Pernau. *História Mundial desde 1939*. Barcelona, Salvat, 1973, p. 10.

assassinato em massa de civis foi política sistemática, em graus diversos, da parte de todas as potências envolvidas.



**Hiroshima, 6 de agosto de 1945**

Uma guerra dessas características era qualitativamente diferente das anteriores. Para explicar suas causas (e seu desfecho) não bastaria referir-se aos objetivos estratégicos (nacionais) dos países ou blocos envolvidos: “A guerra não é um domínio das artes ou das ciências, mas um elemento do tecido social. Constitui um conflito de grandes interesses solucionado de maneira sangrenta, o que a diferencia de todos os outros conflitos. Antes de comparar a guerra com uma arte qualquer, caberia fazê-lo com o comércio, que é também um conflito de atividades e interesses humanos, e inclusive se assemelha muito à política, que por sua vez pode ser considerada como uma espécie de comércio em grande escala. A política é a matriz em que se desenvolve a guerra”.<sup>16</sup> Vejamos, pois, essa matriz, no caso da Segunda Guerra Mundial, levando em conta não só a política externa dos diversos Estados, mas também a política interna, os conflitos de classe e de regime social envolvidos no caminho à guerra e na própria guerra.

---

<sup>16</sup> Karl Von Clausewitz. *De la Guerra*. Barcelona, Labor, 1984, p. 17.

